



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas
Clássicas - LIP**

GABRIEL SOARES EUGENIO

**Análise do discurso criticamente orientada e a representação
do Movimento LGBT em publicações de mídia**

**BRASÍLIA/DF
2013**

GABRIEL SOARES EUGENIO

**Análise do discurso criticamente orientada e a representação
do Movimento LGBT em publicações de mídia**

Artigo apresentado como requisito
para conclusão do curso de
licenciatura em Letras – Português do
Instituto de Letras da Universidade de
Brasília – UnB

Orientadora: Profa. Dra. Edna Cristina
Muniz da Silva

**BRASÍLIA/DF
2013**

RESUMO

A representação discursiva de eventos e práticas sociais é cada vez mais constante na grande mídia tradicional, assim como na moderna mídia digital. Diante dessa questão, tendo como base a Análise do Discurso Crítica (ADC) desenvolvida por Fairclough (2001 [2008]), nesse artigo apresentamos a análise de dois textos com discursos antagônicos que tratam de questões relativas aos homossexuais, com foco na representação do Movimento LGBT. Servirão ainda de apoio os estudos de ideologia e mídia de Thompson (1998) e de atores sociais de Van Leeuwen (2008). Além disso, serão considerados os produtores desses textos – o colunista e jornalista JR Guzzo e o deputado e militante da causa gay Jean Wyllys – bem como a forma de publicação de cada um deles – revista *Veja* impressa e ambiente virtual em *blog*. A partir das categorias analíticas selecionadas, quais sejam, intertextualidade, polifonia, pressuposição e vocabulário, revelam-se estruturas linguísticas que indicam como cada um dos locutores representa o Movimento LGBT: um o desconstruindo enquanto o outro o reafirma. Assim, foi possível verificar que o tema está no cerne de uma luta hegemônica, na qual os atores sociais colidem de maneira frontal, onde aqueles que detêm o poder buscam descaracterizar aqueles que lutam pela sua afirmação.

Palavras-chave: análise de discurso crítica, representação, ideologia, mídia, atores sociais, homossexualidade, Movimento LGBT.

ABSTRACT

In the great traditional media as well in the modern digital media, discursive representations of social events and practices are more present. Facing this issue and basing on the Critical Discourse Analysis (CDA) developed by Fairclough (2001 [2008]), in this paper is presented the analysis of two texts with diverging discourses dealing with homosexual issues, focusing to represent the LGBT Movement. The media and ideology studies by Thompson (1998) and social actors by Van Leeuwen (2008) will be used as a support. Moreover, the producers of the texts shall be considered – the columnist and journalist JR Guzzo and congressist and gay militant Jean Wyllys – as well as how they published it – *Veja* magazine printed and *blog*. From the selected analytical categories, intertextuality, polyphony, presupposition and vocabulary, linguistic structures are revealed and that points out the manner each announcer represents the LGBT movement: one breaking, while the other one reaffirms it. Thus, it was possible to verify that the question is at the heart of a hegemonic struggle, in which social actors collide frontwards, where those who hold power reach out to make those fighting for their assertion to be undistinguished.

Keywords: critical discourse analysis, representation, ideology, media, social actors, homosexuality, LGBT Movement.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo irá analisar a representação do Movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), sob a ótica da análise do discurso

criticamente orientado. O *corpus* foi selecionado para estudarmos a representação desse Movimento em publicações com discursos antagônicos sobre o tema, sendo composto pelos textos “Parada Gay, cabra e espinafre”, publicado na revista Veja do dia 14.11.2012 e “Veja que lixo!”, publicado no blog do Deputado Jean Wyllys. A publicação virtual é uma resposta àquele texto de opinião publicado na Revista Veja, pelo colunista J. R. Guzzo.

Para tanto, será feita uma leitura dialética dos discursos baseada pela Análise do Discurso Crítica (ADC), através das categorias estruturadas por Fairclough¹, em uma proposta interdisciplinar e tridimensional (texto, prática discursiva e prática social) que interliga as relações sociais e o discurso, sendo este um modo de representação e ação social, pelo qual é possível substanciar ideologias e manter, reproduzir ou transformar hegemonias.

A ADC, partindo do seu arcabouço teórico-metodológico, pesquisa a relação entre as ciências sociais e a linguagem, buscando identificar as mudanças sociais que decorrem das lutas hegemônicas constantes na sociedade contemporânea, investigando criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada pelo uso do discurso, na voz de Wodak².

A análise dos discursos em foco busca desvelar em que medida são aparentes as situações de desigualdade e prejuízo social nos quais está inserido o Movimento LGBT, apesar de sua crescente importância no debate político nacional e ascendente luta pela efetivação de direitos. Além do mais, serão apontados focos dos aspectos ideológicos no *corpus* selecionado, demonstrando a luta hegemônica em curso.

Assim, o trabalho apresenta uma proposta de investigação da representação do Movimento LGBT em duas categorias de discursos diversos – e antagônicos – considerando aspectos da prática discursiva (produção, distribuição e consumo), como o fato da publicação que estimulou a resposta se dar em uma das revistas de maior circulação nacional, a revista impressa Veja, enquanto a outra foi hospedada no website do deputado Jean Wyllys, militante das causas do movimento homoafetivo no Brasil, que é bastante acessado.

Então, frente às várias possibilidades de análise do discurso, serão selecionadas, dentro da proposta de Fairclough³, duas categorias que irão, conjuntamente, guiar o presente estudo pelos discursos analisados, quais sejam o vocabulário, indo além do que está codificado no dicionário, buscando o alcance da

¹ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001 [2008].

² WODAK Ruth. *Critical discourse analysis*. In Clive Seale, Giampietro Gobo, Jaber F. Gubrium & David Silverman (Eds.), *Qualitative research practice*. London: Editora Sage, 2004. p. 225

³ FAIRCLOUGH, Norman. op. cit., p. 133-170 e 230-245.

lexicalização do mundo, que ocorre em épocas diferentes, para diferentes grupos sociais, e a intertextualidade, enquanto propriedade do textos de ter fragmentos de outros textos e, assim, com eles interagir. Por fim, serão utilizadas categorias analíticas como a intertextualidade, a polifonia e a pressuposição⁴, para explorar os artifícios linguísticos e discursivos que os autores utilizam para caracterizar o Movimento LGBT.

2. A Análise de Discurso Crítica (ADC) e a Teoria Social do Discurso Crítica de Norman Fairclough

Uma abordagem mais profunda sobre alguns aspectos teóricos faz-se necessária para a compreensão da análise do *corpus* das publicações relacionadas.

Inicialmente, deve-se alertar que, embora o presente estudo se oriente pela pesquisa de Norman Fairclough, este não se esgota em si. Isso porque a Análise de Discurso Crítica (ADC) é caracteristicamente heterogênea, na medida em que uma série de estudiosos desenvolverem métodos de análise do discurso que podem ser, muitas vezes, complementares. Logo, a instabilidade e a abertura da ADC é o que permite seu constante aperfeiçoamento, uma vez que as abordagens estão abertas para o diálogo⁵.

Fairclough, ao elaborar sua Teoria Social do Discurso, buscou analisar o discurso a partir da relação de suas características linguísticas e o pensamento político-social que são relevantes para a linguagem, sendo estes aparatos para focar nas mudanças sociais. Para garantir que a observação se apresente de maneira completa, propõe o estudo do discurso sob um prisma tridimensional: texto, prática discursiva e prática social⁶.

Assim, esse estudo tem como escopo crítico a interdisciplinaridade, característica que remonta à heterogeneidade da ADC, que é explicada pelo rompimento de barreiras epistemológicas com diversas teorias sociais, oferecendo suporte para que as pesquisas sociais verifiquem aspectos discursivos, bem como o enriquecimento da própria pesquisa sociodiscursiva⁷. Nesse ponto, serão problematizadas as categorias sociais ideologia e representação dos atores sociais, relacionando a linguagem e o poder.

Logo, a constituição discursiva da sociedade não advém da simples vontade dos indivíduos, mas de uma prática social que está arraigada às estruturas sociais

⁴ RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. Implicações interdisciplinares. Campinas, SP: Pontes Editores. 2009.

⁵ RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores. 2011, p. 19.

⁶ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001 [2008], p. 89.

⁷ RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Editora Contexto. 2006, p. 14.

materiais e concretas, que podem ter diversas orientações possíveis à manifestação discursiva, sendo sua realização ideologicamente plural a depender do ambiente institucional em que ocorre e também do domínio no qual se concretiza⁸.

No presente artigo, iremos analisar o discurso considerando publicações em veículos da mídia de massa⁹ – revista impressa e blog de opinião – para que seja feita a análise textual e a prática discursiva concomitantemente, elegendo, no entanto, dentre as opções do quadro de análise elaborado por Fairclough¹⁰, os que alcançam os objetivos deste estudo, haja vista que considerar todos os aspectos textuais seria perigoso, pela complexidade dos processos analíticos envolvidos¹¹.

Logo, como base verificativa, iremos destacar do referido quadro, o vocabulário e a intertextualidade, enquanto elementos que serão analisados sob o prisma formal e da prática discursiva, por se relacionarem, e, ainda, as categorias analíticas da polifonia e a pressuposição, dentro dessa segunda categoria¹², para explorar os artifícios linguísticos e discursivos que os autores utilizam para caracterizar o Movimento LGBT.

2.1 Vocabulário

Essa categoria, presente no quadro de análise de Fairclough, permite que a análise do discurso crítica seja feita, dentro da unidade mínima de observação que é o texto, além daquilo que está sistematizado no dicionário. Isso porque, em diferentes épocas e para diferentes grupos sociais, são existentes outros vocábulos que acessam diversos domínios da linguagem, sendo essenciais para que a lexicalização do mundo seja considerada e relevante na pesquisa. A significação não deve, assim, se limitar à propostas pretéritas, mas sempre relevar a evolução de termos utilizados no discurso.

Assim, para efetivar o trabalho do presente artigo, devemos considerar a lexicalização alternativa e sua significância política e ideológica; o sentido da palavra e como este se manifesta nas lutas hegemônicas; e relevância política e ideológica de certas figuras de linguagem, como a metáfora, e seus conflitos¹³.

2.2 Intertextualidade

A segunda categoria selecionada para analisar criticamente os discursos que compõe o *corpus* da presente pesquisa foi a intertextualidade, que é a propriedade que

⁸ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001 [2008], p. 95.

⁹ THOMPSON, John Bogue. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Pedrinho A. Guareschi (Trad./org.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

¹⁰ FAIRCLOUGH, Norman. op. cit.

¹¹ Ibidem.

¹² RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores. 2011.

¹³ FAIRCLOUGH, Norman. op. cit.

os textos têm de serem compostos por fragmentos de outros textos, explicitamente ou mesclados, podendo assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, etc, (com) o texto observado¹⁴.

No que trata a produção do texto, ressalta-se a historicidade dos textos, haja vista que, como anteriormente informado, os textos publicados em ambiente virtual têm como objetivo responder um texto de opinião previamente veiculado na Revista Veja, e para isso irão se embasar em considerações argumentativas apresentadas originalmente no texto da revista.

Em termos de distribuição, no mesmo ambiente em que os textos foram veiculados, em momentos anteriores, foram publicados textos com discursos que defendem os mesmo pressupostos hegemônicos ora renovados no *corpus*. Destaca-se este ponto quando se observa que a Revista Veja publicou no passado uma série de reportagens sobre o Movimento LGBT e o deputado Jean Wyllys recorrentemente publica textos que apresentam seu discurso quanto ao tema, que é uma das bandeiras que defende enquanto político.

Já em termos de consumo, a intertextualidade se faz presente na medida em que a interpretação dos textos em estudo dependem da visão dos interpretes que têm ao acessar os discurso, indo além dos textos de opinião em si¹⁵.

Além do mais, especificamente no presente artigo, deve-se considerar outros aspectos importantes desse elemento, quais sejam, suas categorias analíticas, como a polifonia, conceituada como a articulação de vozes de modos específicos¹⁶ e a pressuposição, que, assim como a intertextualidade, tem como função a ligação de textos, mas ocorre de um modo diferente, por não ser explícita. Assim, essa categoria é constituída pelas “proposições tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas”¹⁷, tendo um potencial ideológico forte no texto, por serem fruto de alto grau de engajamento do locutor¹⁸, e evitarem o questionamento instantâneo do interlocutor.

Deve-se ressaltar, ainda, que a intertextualidade, em seus mais diversos termos, pode ocorrer de maneira manifesta ou no prisma da interdiscursividade, considerando a ordem do discurso para a constituição heterogênea do texto, funcionando cada enunciado ou texto como um elo na cadeia de comunicação discursiva.

¹⁴ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001 [2008], p. 114

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores. 2011, p. 133.

¹⁷ FAIRCLOUGH, Norman. *op. cit.*, p. 155.

¹⁸ RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *op. cit.*, p. 134.

Assim, é notória a relevância da intertextualidade no discurso, porquanto a historicidade dos textos permite desempenhar papéis centrais na sociedade contemporânea sob o prisma da mudança social e cultural.

Nesse âmbito, a intertextualidade se relaciona com a hegemonia, conceito importante no presente estudo, tendo em vista que, ao se relacionar com a produtividade dos discursos, transformando textos preexistentes e moldando aqueles que virão, esta limita o poder àqueles estão hierarquicamente superiores no quadro social. Assim, verificam-se processos de contestação e reestruturação de ordens de discurso como processos de lutas hegemônicas na esfera discursiva. (F p. 135)

3. Análise dos textos: “Parada Gay, Cabra e Espinafre”, de autoria do colunista JR Guzzo e publicado na Revista Veja¹⁹

Considerando as categorias selecionadas, à luz da ADC, é possível analisar o material linguístico observado, “Parada Gay, Cabra e Espinafre”, apontando as questões dialéticas entre discurso e aspectos sociais problemáticos, visando compreendê-los e superá-los, a partir da investigação dos efeitos constitutivos do texto em práticas sociais.

Assim, para possibilitar a problematização do texto, partimos do seguinte questionamento: como o Movimento LGBT foi representado pelo locutor da publicação? Daí, surge, então, outra indagação: quais os efeitos sociais e como esse texto pode agir sobre o mundo e seus leitores potenciais?

Para alcançar hipóteses sobre o que foi questionado, considerando que a análise é necessariamente incompleta, aberta à revisão e parcial²⁰, devemos nos utilizar daquelas categorias de análise selecionadas e apresentadas, por serem as “formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas”²¹.

3.1 Intertextualidade, polifonia e pressuposições: como se articulam as vozes no texto?

¹⁹ Texto publicado na Revista Veja impressa. Integralmente reproduzido no Anexo 1.

²⁰ RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores. 2011, p. 118.

²¹ RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *op. cit.*, p. 112.

Em ADC, temos que a intertextualidade, enquanto relação dialógica entre textos, de maneira ampla, se relaciona com a polifonia, que é a presença em um único texto de diversas vozes, bem como com possíveis pressuposições apresentadas pelo locutor. Assim, a ausência, preferência, mitigação de vozes no discurso permitem localizar aspectos de lutas hegemônicas e explorar as relações existentes entre as práticas discursivas na sociedade, buscando o poder.

Logo, a partir dessas categorias analíticas selecionadas e considerando os tipos de significados do discurso ou de função da linguagem já relacionadas na parte introdutória do presente estudo, destacam-se alguns trechos do material analisado, conforme será explicado.

Inicialmente, deve-se considerar que, como um texto exclusivamente de opinião, o produtor, ao utilizar o artifício da intertextualidade, em momento algum utiliza o discurso direto, através do relato de falas de outras pessoas, sendo elas contrárias ou favoráveis ao Movimento LGBT e/ou às ideias declaradas no discurso. Assim, utilizando o discurso indireto, o autor tem mais autonomia para manipular as vozes que serão relevantes no seu discurso e, ao utilizar pressuposições, tem total controle sobre essas vozes.

Destacam-se alguns excertos do texto que serão analisados:

(1) Já deveria ter ficado para trás no Brasil a época em que ser homossexual era um problema. Não é mais o problema que era, com certeza, mas a verdade é que todo o esforço feito há anos para reduzir o homossexualismo a sua verdadeira natureza - uma questão estritamente pessoal - não vem tendo o sucesso esperado.

(2) Para a maioria das famílias brasileiras, ter filhos ou filhas gay é um desastre - não do tamanho que já foi, mas um drama do mesmo jeito.

Nos fragmentos (1) e (2), percebe-se a utilização, no discurso, da pressuposição. Esse artifício fica evidente quando analisamos, em (1), o uso dos tempos verbais na construção das orações – “deveria ter ficado” e “era” – bem como a presença do advérbio “mais”, indicando que a questão já foi um problema maior. Além disso, ao utilizar o verbo no futuro do pretérito – “deveria” – indicando algo que precisava ter acontecido, mas não aconteceu, percebe-se a pressuposição na base do significado das palavras.

No excerto (2), o uso da conjunção adversativa “mas” evidencia a pressuposição, na medida em que indica que a situação era um drama que poderia ter sido resolvido e não foi.

Nesse sentido, ambas as assertivas do locutor apresentam ideias prontas, dizendo-as como verdades incontestas. Nesse primeiro momento, o colunista caracteriza o homossexual de maneira singular – em contrapartida ao desenrolar do texto, que irá localizado no Movimento LGBT, ainda que objetive descaracterizá-lo – afirmando que este é um problema em si. Para legitimar sua posição, utiliza em (2) termos como “desastre” e “drama”, sem, no entanto, articular vozes que contrariem sua opinião, através, por exemplo, de relatos de fala ou do discurso direto que refletisse opiniões fora as dele.

Assim, temos negada a polifonia, já que são apagadas possíveis vozes no discurso, que é limitado às opiniões do locutor, enquanto sua pressuposição se manifesta na tipologia apresentada por Fairclough²², sendo proposicional (como as coisas são ou serão), existencial (sobre o que existe) e valorativa (determinando o que é ruim ou bom), em diferentes instâncias.

Exemplo de pressuposição existencial ocorre em (2), quando o locutor diz que algo de fato ocorre, evidenciando modalidade epistêmica alta²³, pois se trata de uma afirmação com elevado grau de comprometimento com a verdade, sem autorizar questionamento, alegando que “ter filhos gays é um desastre”. Nesse mesmo trecho, podemos notar a questão valorativa, em vista aos termos destacados no início desse bloco analítico.

No aspecto proposicional, merece destaque o argumento temporal aduzido pelo autor. Ele busca em (1) concordar que a questão da homossexualidade, enquanto tabu social, deveria ter sido superada no passado, mas, no entanto, não é o que ocorre no presente, e possivelmente no futuro – utilização do verbo “ter” no gerúndio, apresentando a ideia de continuidade.

Essas pressuposições podem se relacionar com ideologias do locutor, que pode, em seu discurso particular, incluir presunções sobre o que é possível, desejável, necessário ou de fato ocorre, ligando-as com relações de dominação²⁴.

²² FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003, p. 212.

²³ Modalidade refere-se ao quanto “as pessoas se comprometem quando fazem afirmações, perguntas, demandas ou ofertas (funções do discurso)” (Fairclough, 2003, p. 165). Quando ocorre em afirmações e perguntas, a modalidade é dita epistêmica, relativa ao grau de comprometimento com a verdade das declarações apresentadas. Quando em demandas e ofertas, chama-se a modalidade de deontica, relativa ao grau de obrigatoriedade/necessidade atribuído. No caso do presente estudo, por se tratar de um *corpus* composto por textos de opinião, a modalidade não será uma categoria selecionada, mas somente de apoio.

²⁴ RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. Implicações interdisciplinares. Campinas, SP: Pontes Editores. 2009, p. 48.

Assim, a ideologia é compreendida como o sentido (significado) a serviço do poder, servindo, em determinadas situações, para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder, ou seja, relações de dominação²⁵.

No caso dos excertos em destaque, nota-se que o autor utilizou, dentro dos modos de operações gerais de ideologia organizados por Thompson²⁶, a reificação, que é quando as relações de dominação são criadas e sustentadas por uma situação transitória que é apresentada como “permanente, natural e atemporal”²⁷. Especificamente, o locutor utiliza a eternalização²⁸ como estratégia de construção simbólica, como ao afirmar que os esforços dos homossexuais “não vem tendo o sucesso esperado” (1) e ao utilizar a expressão “do mesmo jeito”, que permitem que o interlocutor infira que a busca por direitos e outros objetivos dos homossexuais estão estagnados, não tendo o sucesso que buscavam, e assim tendem a permanecer.

(3) O primeiro problema sério quando se fala em "comunidade gay" é que a "comunidade gay" não existe - e também não existem, em consequência, o "movimento gay" ou suas "lideranças". Como o restante da humanidade, os homossexuais, antes de qualquer outra coisa, são indivíduos. Têm opiniões, valores e personalidades diferentes. (...) Então por que, sendo tão distintos entre si próprios, deveriam ser tratados como um bloco só?

No trecho (3) é claro o posicionamento do produtor com relação especificamente ao Movimento LGBT e sua representação, foco da presente análise. Isso porque, ele afirma, categoricamente, que ““a comunidade gay” não existe”. Além do advérbio de negação, temos a utilização das aspas, que destacam valores associados à expressão, ou seja, se relaciona com a intencionalidade comunicativa do locutor, que é indicar a inexistência real do grupo.

Assim, novamente, o autor se debruça em afirmações definitivas – “não existe(m)” – para expor suas ideias, não permitindo ao menos uma reflexão pelo seu interlocutor. E, além disso, utiliza novamente o termo “problema”, mas agora tratando especificamente de todo o Movimento LGBT.

Os argumentos que seguem sua conclusão se baseiam na utilização da fragmentação do grupo, que é um modo de operação da ideologia e é caracterizado pela segmentação de grupos e indivíduos que conseguiriam se tornar, em determinado período, uma ameaça aos grupos dominantes utilizando-se de um potencial opositor visto como perigoso e ameaçador²⁹. Exemplo desse artifício é quando o autor

²⁵ THOMPSON, John Bogne. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Pedrinho A. Guareschi (Trad./org.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, p. 15-16.

²⁶ *Ibidem*, p. 88 ss.

²⁷ *Ibidem*, p. 87.

²⁸ *Ibidem*, p. 88.

²⁹ *Ibidem*, p. 86.

questiona “por que, sendo tão distintos entre si próprios, deveriam ser tratados como um bloco só?”.

Além disso, o locutor faz uso da diferenciação para manter seu poder hegemônico ao representar o Movimento LGBT, como ao afirmar que os homossexuais “têm opiniões, valores e personalidades diferentes.”. Esse mecanismo é definido como uma estratégia de concretização da ideologia pelo meio da qual se afirmam as diferenças entre os indivíduos e grupos com o objetivo de desagregá-los e, assim, impedir que estes se estabeleçam como um desafio às tradições que se baseiam no poder dominante ou àqueles que o exercem³⁰.

No final do excerto (3), o colunista afirma que um argumento contrário à configuração de um Movimento LGBT seria o fato de que os homossexuais “(...) têm opiniões, valores e personalidades diferentes. (...)” e, assim sendo, questiona: “(...) então por que, sendo tão distintos entre si próprios, deveriam ser tratados como um bloco só?”. Com essa assertiva, além de explicitamente desconstituir o Movimento LGBT, desconstitui, de maneira velada, a importância de qualquer outro Movimento social que temos no mundo, como, por exemplo, o Movimento Feminista, o Movimento Negro, porque, pela própria essência plural do ser humano, nenhum deles é constituído por um grupo completamente homogêneo.

Assim, além de não permitir o aparecimento de vozes desse Movimento no texto de opinião publicado, pela ausência de discurso direto ou de relatos de fala dos seus componentes, o locutor busca apagar a relevância desse grupo em sua representação, ignorando a existência de alguns atores sociais com os quais articula silenciosamente dentro desse conflito hegemônico.

Essa representação de atores sociais é fruto de determinado ponto de vista do locutor, sendo uma prática particular. Assim, podem ser excluídos, incluídos integralmente ou ofuscados, bem como referidos por meio de julgamentos de suas ações, o que não é rigorosamente relacionado com formas linguísticas, mas às escolhas sócio-semânticas³¹.

Em (3), há uma articulação estratégica, com base no quadro de escolhas de representação de atores sociais de van Leeuwen, da exclusão e inclusão destes³². Isso porque, ao tempo em que o locutor busca a supressão do grupo LGBT, ao afirmar que

³⁰ THOMPSON, John Bogne. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Pedrinho A. Guareschi (Trad./org.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, p. 87.

³¹ RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores. 2011, p. 149.

³² VAN LEEUWEN, Theo. *Discourse and practice: new tools for Critical Discourse Analysis*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2008, p. 52.

“este não existe” e assim impossibilitar seu resgate, ele inclui aqueles que o compõe, pela utilização da individualização³³, pela utilização do termo “homossexual”.

Assim, nota-se que o objetivo do autor é enfraquecer o grupo através da desfragmentação, mecanismo ideológico, e da substituição de um ator social considerado mais ameaçador, o que está estreitamente ligado às estratégias do grupo hegemônico de criar medo daquele ator social que tem mais representatividade coletiva³⁴.

(4) Outra tentativa de considerar os gays como um grupo de pessoas especiais é a postura de seus porta-vozes quanto ao problema da violência. Imaginam-se mais vitimados pelo crime do que o resto da população (...).

No excerto (4) é clara a contradição do locutor com relação aos seus objetivos nas considerações do trecho (3). Isso porque, após buscar desconstituir a existência dos atores sociais que compõem o Movimento LGBT, bem como explicitamente suas “lideranças” (3), o autor utiliza a expressão “porta-voz”, o que pressupõe a existência de um ente humano para realizar este papel. Logo, questiona-se, quem são esses porta-vozes dentro de um Movimento que nem ao menos existe?

Indo além, afirma que os homossexuais “imaginam-se”, verbo que aduz a irreabilidade daquilo que é afirmado pelo Movimento LGBT.

(5) Ainda no mês de junho, na última Parada Gay de São Paulo, os organizadores disseram que "4 milhões" de pessoas tinham participado da marcha - já o instituto de pesquisas Datafolha, utilizando técnicas específicas para esse tipo de medição, apurou que o comparecimento real foi de 270.000 manifestantes, e que apenas 65.3000 fizeram o percurso do começo ao fim. A Folha de S. Paulo, que publicou a informação, foi chamada de "homofóbica". Alegou-se que o número verdadeiro não poderia ter sido divulgado, para não "estimular o preconceito" - mas com isso só se estimula a mentira.

Ainda apoiado na inconsistência de afirmar que não há um Movimento LGBT e em seguida citar “porta-vozes” deste grupo, o locutor faz uso do discurso indireto para dar voz aos “organizadores” (no plural, o que estende ao máximo o número de responsáveis pela informação que segue). Utiliza, para tanto, o verbo *dicendi* “dizer”, devidamente flexionado, não restando dúvidas de que a afirmação foi uma declaração concreta de parte do Movimento LGBT, responsável pela administração da Parada Gay.

³³ VAN LEEUWEN, Theo. *Discourse and practice: new tools for Critical Discourse Analysis*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2008, p. 35-36.

³⁴ *Ibidem*, p. 28.

Após a apresentação dos dados “ditos” pelos organizadores, o autor combate a informação com os números apurados pelo DataFolha. O uso do verbo “apurar” traz uma ideia de cientificidade maior ao que é apresentado como resultado da pesquisa, o que confere à instituição estatística uma legitimidade maior que a do Movimento LGBT. Além do mais, o autor considera a instituição em si, sem apontar qualquer pesquisador ou responsável pela realização da pesquisa, o que também causa no interlocutor uma sensação de segurança maior a respeito daqueles dados, sob o ideal de que um indivíduo está mais passível de erros do que uma instituição devidamente organizada e com ampla representação no cenário social e político nacional.

Diante do conflito de dados estatísticos, o locutor afirmar que “alegou-se” que o número foi aumentado para que o preconceito não fosse estimulado, concluindo, então, que o Movimento LGBT estaria mentindo. No entanto, o colunista, usando o verbo impessoal, não aponta qualquer referência específica a quem poderia ter alegado a razão da divulgação imprecisa. Assim, o sujeito indeterminado funciona como um mecanismo linguístico que viabiliza o apagamento da voz do grupo.

(6) (...) se tornou possível aos gays, no Brasil e no mundo de hoje, realizar o que para muitos é a maior e mais legítima ambição: a de serem julgados por seus méritos individuais seja qual for a atividade que exerçam, e não por suas opções em matéria de sexo.

No fragmento (6), o autor transmite a partir de seu discurso uma sensação de vitória dos homossexuais, que segundo ele hoje são “julgados por seus méritos individuais”. Nesse ponto, o termo “problema”, que circundou as questões do Movimento LGBT durante todo o artigo, desaparece, como em uma tentativa do locutor de afirmar que não há mais o que ser alcançado por esse grupo, e, assim, ocultar preconceitos que, além de existirem na sociedade, o que pode ser constatado em razão de inúmeros relatos de violência contra homossexuais, emergiram durante todo o texto pela voz soberana do locutor até seu fechamento.

Assim, o discurso objetiva desconstituir o Movimento LGBT ao afirmar que não há mais pelo que lutar, haja vista que esse grupo já alcançou os direitos que buscava, bem como que este se encontra, atualmente, em um quadro de igualdade de poderes com a categoria dominante, o que se percebe improvável pelo fato de ser recorrente a luta hegemônica com foco nessa questão social em instâncias políticas.

3.2 O vocabulário e as tendências semânticas do discurso

O vocabulário em ADC, segundo Fairclough³⁵, pode ser considerado sob três prismas diferentes: o significado das palavras; a criação de palavras; e a metáfora.

³⁵ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001 [2008], p. 230-245.

No presente estudo, o destaque será no significado das palavras, indo além da sistematização dos dicionários e, assim, buscando entender sua acepção no momento e na configuração social em que o material linguístico estudado é publicado.

Assim, ao tratar o significado das palavras que são utilizadas no discurso, deve-se considerar que estas ocorrem de forma múltipla, na medida em que considera-se que as palavras têm significados diversos. Além disso, observa-se que o produtor, ao apresentar um significado dentro de seu material linguístico, tem o poder de selecionar aquele que melhor se adequa a sua ideologia, através de um processo de lexicalização muitas vezes consciente³⁶.

Em contrapartida, o interlocutor, ao acessar o *corpus* lexicalizado pelo locutor, cumpre o papel de intérprete, atribuindo valores às escolhas daquele. Assim, pode-se dizer que estamos diante de um processo individual, mas que pode ser manipulado por mecanismos do produtor, como, por exemplo, ao utilizar unidades epistemológicas altas, dentro do quadro da modalidade, como as expressões “certamente”, “sem dúvidas” diante uma afirmação.

De qualquer maneira, deve-se ter em mente que os significados das palavras são socialmente variáveis, podendo ser, em diferentes momentos históricos, afirmados ou contestados, fazendo parte de um processo social além do individual³⁷.

A importância da análise utilizando essa categoria se mostra na medida em que a reestruturação estratégica do significado da palavra dentre os seus significados potenciais tem relação com a hegemonia e a luta de poder. Ao selecionar um significado potencial em vista outros, bem como articular o significado de modo a favorecer a ideologia do locutor é característica da implantação de um novo modelo hegemônico de significado das palavras³⁸.

A seguir, serão destacados alguns vocábulos, expressões, termos e palavras, analisando seu contexto e importância no discurso do locutor, assim como observando de que forma eles influenciam na representação do Movimento LGBT no material linguístico apreciado.

(1) Homossexualismo

A palavra homossexualismo (1), que aparece repetidas vezes no texto, é composta etimologicamente constituída da palavra “homossexual” + o sufixo “-

³⁶ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001, 2008, p. 230.

³⁷ *Ibidem*, p. 230.

³⁸ *Ibidem*, p. 231.

ismo”, significando a relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo, e é considerada o mesmo que “homossexualidade”³⁹.

Historicamente, durante os séculos XIX e XX, o sufixo “-ismo” foi utilizado para compor termos médicos, indicando intoxicações, e também movimentos sociais, políticos e ideológicos⁴⁰. Posteriormente, com o avanço de estudos sobre as relações e os indivíduos homossexuais, foi determinado, no campo científico, que o termo não era adequado ao seu novo conceito, sendo, então, acordado que este fosse retirado do Código Internacional das Doenças (CID), como uma doença mental, e fosse, então, passado ao capítulo denominado “Sintomas Decorrentes de Circunstâncias Psicossociais”.

Por essa razão, em 1995, na revisão do CID, foi alterado o sufixo, que passou a ser “-dade”, que tem como função linguística a formação de substantivos abstratos derivados de substantivos⁴¹, constituindo o termo homossexualidade.⁴²

Consultando o Manual de Comunicação LGBT⁴³ que, segundo sua apresentação, tem como objetivo ser uma ferramenta auxiliar à cobertura jornalística com relação às temáticas LGBT, e será considerado aqui como um discurso do Movimento LGBT, embora não se relacione com o texto em análise, é possível encontrar o quadro a seguir, que relata a evolução histórica do termo:

³⁹ Pesquisa da palavra “homossexualismo” feita no dicionário Houaiss *online*, disponível no *site* <<http://houaiss.uol.com.br>>

⁴⁰ Pesquisa do sufixo “-ismo” feita no dicionário Houaiss *online*, disponível no *site* <<http://houaiss.uol.com.br>>

⁴¹ Pesquisa do sufixo “-dade” feita no dicionário Houaiss *online*, disponível no *site* <<http://houaiss.uol.com.br>>

⁴² DIAS, Maria Berenice. *União homossexual: aspectos sociais e jurídicos*. Publicado na Revista brasileira de direito de família, 2000. Disponível no *site* <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30790-33002-1-PB.pdf>, último acesso em 18 de fevereiro de 2013.

⁴³ ABGLT. *Manual de Comunicação LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. 2009, disponível em <<http://www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>, último acesso: 18.2.2013.

Homossexualidade ao invés de homossexualismo

Em 1973, os Estados Unidos retirou “homossexualismo” da lista dos distúrbios mentais da *American Psychology Association*, passando a ser usado o termo Homossexualidade.

Em nove de fevereiro de 1985, o *Conselho Federal de Medicina* aprovou a retirada, no Brasil, da homossexualidade do código 302.0, referente aos desvios e transtornos sexuais, da *Classificação Internacional de Doenças*.

Em 17 de maio de 1990, a *Assembleia Mundial da Saúde* aprovou a retirada do código 302.0 da *Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde*. A nova classificação entrou em vigor entre os países-membro das Nações Unidas a partir de 1º de janeiro de 1993.

Em 1999, o *Conselho Federal de Psicologia* formulou a Resolução 001/99, considerando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”, que “há, na sociedade, uma inquietação em torno das práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente” (qual seja, a heterossexualidade), e, especialmente, que “a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações”. Assim, tanto no Brasil como em outros países, cientificamente, homossexualidade não é considerada doença.

Por isso, o sufixo “ismo” (terminologia referente à “doença”) foi substituído por “dade” (que remete a “modo de ser”).

Assim, apesar de o debate sobre o uso do termo ter sido há muito tempo superado, o locutor, jornalista e colunista de uma das revistas de maior circulação nacional, a *Veja*, com acesso a diversos materiais de consulta sobre o tema, utilizou o termo superado e considerado pejorativo, o que indica um modo de representar o Movimento LGBT, pelo “expurgo do outro”, apresentando-o como um inimigo social⁴⁴, o que é uma construção simbólica que visa estabelecer e sustentar relações de dominação.

Nesse ponto, a ideologia fragmentadora do locutor transparece, na medida em que opta por um termo inadequado, segmentando um grupo que pode ameaçá-lo enquanto dominante. Essa escolha, embora para alguns intérpretes possa ser banal e aleatória, ataca de maneira frontal o Movimento LGBT, o desqualificando ao retroagir

⁴⁴ THOMPSON, John Bogue. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Pedrinho A. Guareschi (Trad./org.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002, p. 88 ss.

a luta hegemônica estabelecida mesmo que o grupo LGBT apresente no citado Manual que este termo é “incorreto e preconceituoso” porque “denota doença, anormalidade”⁴⁵.

(2) “Marta Suplicy (curiosamente, uma das campeãs da "causa gay" no país) fez insinuações agressivas quanto à *masculinidade* do seu adversário Gilberto Kassab.”

Em (2), o locutor busca narrar um fato que ocorreu entre dois candidatos à prefeitura de São Paulo. Segundo o colunista, Marta Suplicy teria deflagrado insinuações acerca da masculinidade de Gilberto Kassab.

Nessa situação o locutor optou pelo uso do termo em destaque ao invés de selecionar outro mais amplo e relacionado diretamente com o ocorrido (como sexualidade). A masculinidade significa características inerentes ao macho, em contraposição à feminilidade. No caso, insinuar que o candidato opositor era homossexual não implica necessariamente suas questões de masculinidade, na medida em que não haveria qualquer distúrbio de gênero referente a ele.

(3) “No caso das atuais *cruzadas* em favor do estilo de vida gay parece estar acontecendo mais o mal do que o bem.”

No excerto (3), o autor utiliza o vocábulo “cruzada” para caracterizar a ação do Movimento LGBT na busca de afirmação de direitos. Essa palavra tem sua origem para caracterizar expedições militares de inspiração cristãs durante os séculos XI e XIII⁴⁶.

Assim, essa palavra remete a métodos severos de conquista e ocupação de um espaço por intermédio de guerras. O locutor, então, ao construir a oração, indica que o Movimento LGBT tem como objetivo impor à sociedade seu estilo de vida, embora ainda fracasse.

(4) comunidade gay x movimento gay

Com relação às expressões destacadas em (4), o produtor busca no texto localizar a comunidade gay como anterior e mais ampla que o movimento gay. Nesse sentido, a comunidade seria composta por todos aqueles que pertencem à sigla LGBT, enquanto o movimento seria o que reúne militantes da causa, aqueles que estão politicamente engajados no plano político.

⁴⁵ INTERNET. ABGLT. *Manual de Comunicação LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. 2009, disponível em < <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>, p. 14, último acesso: 18.2.2013.

⁴⁶ INTERNET. Wikipédia, < WIKI <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzada> >, último acesso em 18.2.2013.

(5) “(...)”*homofobia*”; em vez de significar apenas a raiva maligna diante do homossexualismo, como deveria, passou a designar com frequência tudo o que não agrada a entidades ou militantes da “causa gay””.

No trecho (5), o autor buscou, além de significar o termo “homofobia” em seu sentido etimológico, relacionar o vocábulo com o posicionamento do Movimento LGBT. Indicou, assim, que situações desagradáveis aos olhos dos participantes da causa gay – generalizando as bandeiras defendidas pelo Movimento LGBT – são consideradas homofóbicas, declarando que o termo estaria relacionado a “tudo o que não agrada a entidades ou militantes da “causa gay””.

Para analisar a utilização da palavra, recorremos ao Manual de Comunicação LGBT, que define a homofobia como um “conceito guarda-chuva, utilizado para descrever um variado leque de fenômenos sociais relacionados ao preconceito, à discriminação e à violência contra homossexuais”⁴⁷.

Assim, o que se percebe é que a inferência do locutor pode estar correta, embora com tom pejorativo – pelo uso da expressão “tudo o que não agrada” – porquanto não há um rol taxativo de atitudes que se enquadrem no vocábulo, mas este não se limitaria ao sufixo “-fobia”, que restringe o sentimento do indivíduo ao medo e a aversão⁴⁸.

(6) “(...) o *casamento*, por lei, é a união entre um homem e uma mulher; não pode ser outra coisa. Pessoas do mesmo sexo podem viver livremente como casais, pelo tempo e nas que quiserem. Podem apresentar-se na sociedade como casados, celebrar bodas em público e manter uma vida matrimonial. Mas a sua ligação não é um - não gera filhos, nem uma *família*, nem laços de *parentesco*.”

Em (6), o produtor, ao tratar do tema casamento e família no contexto LGBT, se ateu apenas a conceitos tradicionais para tratá-los. Assim, desconsiderou as novas noções de família e ignorou até mesmo a evolução legal sobre o tema.

Isso porque, em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a possibilidade de união estável homoafetiva, e o Superior Tribunal de Justiça (STJ), reconheceu o casamento civil entre duas mulheres – informação veiculada, inclusive, na revista *Veja*⁴⁹.

⁴⁷ INTERNET. ABGLT. *Manual de Comunicação LGTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. 2009, disponível em < <http://www.abglt.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>, p. 21, último acesso: 18.2.2013.

⁴⁸ Pesquisa do sufixo “-fobia” feita no dicionário Houaiss *online*, disponível no *site* <<http://houaiss.uol.com.br>>

⁴⁹ Revista *Veja online*. STJ reconhece casamento civil entre homossexuais. Publicada em 25.10.2011, disponível no *site* < <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/stj-reconhece-casamento-civil-entre-homossexuais>>, último acesso em 18.2.2013.

Assim, os conceitos de casamento, família e parentesco estão sendo modificados pela sociedade, que está reciclando suas tradições, o que mostra que o movimento LGBT tem alcançado apoio político nas esferas públicas.

(7) “(...) esforço para *transformar* a "homofobia" em crime (...)”

Por fim, no trecho (7) o locutor utiliza o verbo “transformar” para descrever a luta do Movimento LGBT ao buscar segurança para sua comunidade. O termo leva o interlocutor a pensar que esta transformação se dá de forma persuasiva, por coação do Movimento LGBT, e não pelo processo de afirmação de direitos sociais que vai além da espera do movimento, alcançando toda a esfera pública – como demonstrou a análise do trecho (6).

Assim, a partir da análise dos trechos apresentados do material linguístico, foi possível perceber que o locutor, ao fazer suas escolhas lexicais, fortaleceu sua voz no texto, propagando sua ideologia de forma terminativa, apesar da luta hegemônica que se segue.

4. Análise do texto: “Veja que lixo!”, de autoria do Deputado Federal pelo Rio de Janeiro Jean Wyllys e publicado em seu site pessoal⁵⁰.

Inicialmente, deve-se atentar para o fato de que o texto ora analisado é uma resposta àquele material linguístico estudado na sessão anterior. Assim, o produtor, do mesmo modo que ocorreu em “Parada Gay, Cabra e Espinafre” não traz amplitude polifônica ao discurso, que é fruto de sua ideologia defendida na disputa hegemônica relativa aos direitos dos homossexuais.

No mesmo sentido da análise anterior, será verificado como é representado o Movimento LGBT no discurso de “Veja que lixo!”, a partir de trechos selecionado e considerados, à luz da ADC e da LSF, as categorias de análise escolhidas.

(1) Logo no início, Guzzo usa o termo “homossexualismo” e se refere à nossa orientação sexual como “estilo de vida gay”.

Em (1), o locutor utiliza termos que foram selecionados pelo produtor do artigo respondido, com o objetivo de contra-argumentar essas escolhas. Para tanto, traz para si a voz do discurso, explicitando que a escolha considerada ofensiva ao grupo o atinge, por meio da utilização do pronome possessivo “nossa”, na primeira pessoa do plural. Assim, o discurso indireto se manifesta pela utilização do verbo “usar”, indicando que a opção do locutor pelas expressões inadequadas se deu de maneira consciente, em decorrência de seu arbítrio.

⁵⁰ Publicação disponível no *site* <<http://jeanwyllys.com.br/wp/veja-que-lixo>>, último acesso em 18.3.2013. Integralmente reproduzido no Anexo 2.

(2) A comunidade LGBT existe em sua dispersão, composta de indivíduos que são diferentes entre si (...) mas que partilham um sentimento de pertencer a um grupo cuja base de identificação é ser vítima da injúria, da difamação e da negação de direitos! Negar que haja uma comunidade LGBT é ignorar os fatos ou a inscrição das relações afetivas, culturais, econômicas e políticas dos LGBTs nas topografias das cidades.

(3) Mesmo com nossas diferenças, partilhamos um sentimento de identificação que se materializa em espaços e representações comuns a todos. E é desse sentimento que nasce, em muitos (mas não em todas e todos, infelizmente) a vontade de agir politicamente em nome do coletivo; é dele que nasce o Movimento LGBT.

No excerto (2), o produtor afirma categoricamente a existência da comunidade gay, contrariando o locutor do material linguístico respondido – que, apesar de negar a existência dessa categoria que ameaça sua ideologia, se contradiz posteriormente, como analisado na sessão anterior.

A modalidade epistêmica alta se justifica nos termos da análise do texto “Parada Gay, Cabra e Espinafre”, ou seja, por se tratar de um texto de opinião, com cunho jornalístico-investigativo menos exigido, a voz do produtor é máxima, apresentando um domínio absoluto do discurso e, assim, da sua ideologia. Além disso, no caso, a publicação se dá em uma página pessoal do locutor, o que possibilita a expressão de sua ideologia de maneira mais incisiva.

O Movimento LGBT é representado pelo locutor, que é um dos representantes mais relevantes desse grupo pela posição política que ocupa, como nascente de um (3) “sentimento de identificação” que faz nascer a vontade de (3) “agir politicamente em nome do coletivo”. Assim, percebe-se um discurso orgulhoso sobre esse sentimento de identidade que impulsiona o Movimento LGBT, pelo uso da exclamação (2) e da expressão “em nome do coletivo” (3) na medida em que a ação do grupo politicamente articulado vai além dos seus participantes.

(4) Afirma o colunista de Veja que nós os e as homossexuais queremos “ser tratados como uma categoria diferente de cidadãos, merecedora de mais e mais direitos” (...)

Em (4), o produtor faz uso do discurso direto, reproduzindo a fala do texto que busca responder, para, então, desconstruí-la, afirmando sua voz. O verbo dicendi “afirmar” não deixa dúvida de que a assertiva foi apresentada pelo colunista, o que visa desqualificá-lo em sua opinião de maneira pessoal e direta.

(5) Eu não sei que tipo de relação estável o senhor Guzzo tem com a sua cabra, mas duvido que alguém possa ter, com uma cabra, o tipo de relação que é possível ter com um cabra — como Riobaldo, o cabra macho que se apaixonou por Diadorim, que ele julgava ser um homem, no romance monumental de Guimarães Rosa.

No trecho (5), o produtor utiliza de uma intertextualidade explícita, ao citar uma obra da literatura nacional que apresenta uma relação homossexual. Com esse mecanismo, visa demonstrar a naturalidade daquilo que é perseguido pelo Movimento LGBT, tendo em vista que em o mesmo é visto no “romance monumental de Guimarães Rosa”. Além do grande nome da literatura nacional, o adjetivo “monumental” agrega ainda mais valor ao exemplo do locutor, fazendo com que sua voz seja ainda mais ampliada.

(6) Bom, nós, os gays e lésbicas, somos como o espinafre ou como as cabras. Esse é o nível do debate que a Veja propõe aos seus leitores.

Novamente, na passagem (6), o autor do texto utiliza um pronome para incluí-lo na comunidade LGBT – “nós”. Esse tipo de artifício não deixa qualquer dúvida sobre a ideologia do texto, posicionando claramente o locutor favorável às bandeiras gays.

Além disso, após apresentar a comparação feita pelo texto “Parada Gay, Cabra e Espinafre”, o locutor responsabiliza o debate à Revista Veja, e não mais exclusivamente ao produtor do texto respondido. Esse fundamento é balizado pelo ideal de que a instituição é composta por indivíduos, e, então, por eles deve se responsabilizar.

(7) Qual seria a reação de todas e todos nós se Veja tivesse publicado uma coluna em que comparasse negros e negras com cabras e judeus com espinafre?

O questionamento em (7) apresenta um intertexto com o Movimento Negro, e com uma minoria ainda estigmatizada, os judeus. Essas minorias, embora tenham alcançado direitos e posições afirmativas suficientes para que a sociedade não admita que sejam veiculados em revistas de grande circulação materiais racistas ou antissemitas, ainda sofrem de violências. Nesse sentido, percebe-se que o combate a essas minorias ainda ocorre, mas de maneira velada, enquanto quanto aos homossexuais, percebemos, pelo conteúdo preconceituoso de “Parada Gay, Cabra e Espinafre”, que esta ainda é patente.

(8) “Os argumentos de Guzzo contra o casamento igualitário seriam uma confissão pública de estupidez se não fosse uma peça de má-fé e desonestidade intelectual a serviço do reacionarismo da revista”

Indo além do locutor do texto respondido, em (8) o produtor utiliza o substantivo masculino “reacionarismo” para caracterizar o posicionamento da revista frente aos argumentos publicados por Guzzo.

Esse termo, que significa um sistema político conservador e contrário à revolução político-social⁵¹, busca demonstrar a ideologia da revista *Veja*, que não aceitaria a mudança social a partir de movimentos articulados, por ir contra seus princípios tradicionais e possibilitando a destituição do seu poder hegemônico.

(9) (...) Guzzo não diz, de propósito (porque se trata de enganar os incautos), é que esses 300 homossexuais foram assassinados por sua orientação sexual!

No excerto (9), o locutor busca tratar dos interlocutores, que são manipulados pelos dados estatísticos apresentados por Guzzo, que busca afirmar suas afirmações pelo uso da legitimidade institucional, como já apreciado na análise anterior.

Conclui-se que, o objetivo do locutor do texto analisado é localizar o Movimento LGBT, enquanto um grupo político articulado do qual faz parte, como um desafio às tradições e hegemonia reacionária que detêm o poder nos governos e grandes veículos midiáticos. Seu objetivo, com o discurso, é dar voz à comunidade gay, que deveria combater essa ideologia que julga preconceituosa e atrasada.

5. Considerações finais

O discurso serve como instrumento de manutenção, reprodução e transformação das relações de poder, que são verificadas nas lutas hegemônicas que são travadas no âmbito social. Assim, pode ser dito como uma prática social em si, que interfere nas relações humanas, principalmente através dos textos.

A ADC busca investigar esse material linguístico considerando diversos modos de representação e a carga ideológica do locutor, através da utilização de categorias analíticas selecionadas, para problematizar o tema central do texto, bem como analisar suas consequências no que trata à mudança social.

No presente estudo, foram analisados e relacionados dois discursos antagônicos, buscando evidenciar como cada um deles representou o Movimento LGBT. Para tanto, foram utilizadas as categorias intertextualidade e vocabulário – e suas subcategorias – relacionando-as com conceitos de poder, hegemonia e atores sociais.

No que trata o texto de opinião veiculado pela revista *Veja*, foram apontados aspectos ideológicos que evidenciam um discurso ligado à tradição, com o objetivo de manter o poder nas mãos daqueles que hoje em dia ainda o detêm. Assim, buscou o texto a manutenção das relações assimétricas de poder entre o Movimento LGBT e aquela parcela da população conservadora – a qual não pode ser agrupada por estar

⁵¹ Pesquisa da palavra “reacionarismo” feita no dicionário Houaiss *online*, disponível no *site* <<http://houaiss.uol.com.br>>

espalhada nas mais diversas camadas sociais.

O texto “Parada Gay, cabra e espinafre” impossibilita o debate sobre os aspectos relacionados ao Movimento LGBT, a partir, especialmente, de pressuposições, que inviabilizam uma proposta de mudança social. Em outra mão, o texto “Veja que lixo!”, menos do que localizar o Movimento LGBT em seu lugar social de luta por afirmações de direitos, busca responder às acusações feitas na publicação da revista Veja. Apesar disso, utiliza argumento de identidade para frisar a subsistência do grupo.

Assim, ambos os textos reforçam sua ideologia, enrijecendo a luta hegemônica que vem sendo travada no seio social há vários séculos. Entretanto, a partir da análise feita, pode-se perceber que, embora dando visibilidade ao assunto, a Revista Veja manteve sua visão conservadora de maneira explícita, reforçando estereótipos que são fortemente combativos pelo Movimento LGBT, enquanto, como uma força contrária, a publicação do deputado Jean Wyllys, busca descaracterizar suas afirmações com relação a esse movimento social.

6. Referências Bibliográficas

DIAS, Maria Berenice. *União homossexual: aspectos sociais e jurídicos*. Publicado na Revista brasileira de direito de família, 2000. Disponível no site <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30790-33002-1-PB.pdf>>

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001 [2008].

INTERNET. ABGLT. *Manual de Comunicação LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. 2009, disponível em <<http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>

INTERNET. Dicionário Houaiss, disponível no site <<http://houaiss.uol.com.br>>

INTERNET. Revista Veja online. *STJ reconhece casamento civil entre homossexuais*, disponível no site <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/stj-reconhece-casamento-civil-entre-homossexuais>>

INTERNET. Wikipédia, disponível no site <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzada>>

RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Editora Contexto. 2006, p. 14.

RAMALHO, Viviane e RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a crítica: o texto como material de pesquisa)*. Campinas, SP: Pontes Editores. 2011.

RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. Implicações interdisciplinares. Campinas, SP: Pontes Editores. 2009.

THOMPSON, John Bogue. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Pedrinho A. Guareschi (Trad./org.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

VAN LEEUWEN, Theo. *Discourse and practice: new tools for Critical Discourse Analysis*. New York, NY, USA: Oxford University Press, 2008.

WODAK, Ruth. *Critical discourse analysis*. In Clive Seale, Giampietro Gobo, Jaber F. Gubrium & David Silverman (Eds.), *Qualitative research practice*. London: Editora Sage, 2004.

WYLLYS, Jean. *Veja que Lixo!*, disponível no site <<http://jeanwyllys.com.br/wp/veja-que-lixo>>.

7. Anexos

Anexo 1 – JR Guzzo. “Parada Gay, Cabra e Espinafre”

Já deveria ter ficado para trás no Brasil a época em que ser homossexual era um problema. Não é mais o problema que era. com certeza, mas a verdade é que todo o esforço feito há anos para reduzir o homossexualismo a sua verdadeira natureza - uma questão estritamente pessoal - não vem tendo o sucesso esperado. Na vida política, e só para ficar num caso recente, a rejeição ao homossexualismo pela maioria do eleitorado continua sendo considerada um valor decisivo nas campanhas eleitorais. Ainda agora, na eleição municipal de São Paulo, houve muito ruído em torno do infeliz "kit gay" que o Ministério da Educação inventou e logo desinventou, tempos atrás, para sugerir aos estudantes que a atração afetiva por pessoas do mesmo sexo é a coisa mais natural do mundo. Não deu certo, no caso, porque o ex-ministro Fernando Haddad, o homem associado ao "kit", acabou ganhando - assim como não tinha dado certo na eleição * anterior, quando a candidata Marta Suplicy (curiosamente, uma das campeãs da "causa gay" no país) fez insinuações agressivas quanto à masculinidade do seu adversário Gilberto Kassab e foi derrotada por ele. Mas aí é que está: apesar de sua aparente ineficácia como caça-votos, dizer que alguém é gay, ou apenas pró-gay. ainda é uma "acusação". Pode equivaler a um insulto grave - e provocar uma denúncia por injúria, crime previsto no artigo 140 do Código Penal Brasileiro. Nos cultos religiosos, o homossexualismo continua sendo denunciado como infração gravíssima. Para a maioria das famílias brasileiras, ter filhos ou filhas gay é um desastre - não do tamanho que já foi, mas um drama do mesmo jeito.

Por que o empenho para eliminar a antipatia social em torno do homossexualismo rateia tanto assim? O mais provável é que esteja sendo aplicada aqui a Lei das Consequências Indesejadas, segundo a qual ações feitas em busca de um determinado objetivo podem produzir resultados que ninguém queria obter, nem imaginava que pudessem ser obtidos. É a velha história do Projeto Apollo. Foi feito para levar o homem à Lua; acabou levando à descoberta da frigideira Tefal. A Lei das

Consequências Indesejadas pode ser do bem ou do mal. É do bem quando os tais resultados que ninguém esperava são coisas boas. como aconteceu no Projeto Apollo: o objetivo de colocar o homem na Lua foi alcançado - e ainda rendeu uma bela frigideira, além de conduzir a um monte de outras invenções provavelmente mais úteis que a própria viagem até lá. É do mal quando os efeitos não previstos são o contrário daquilo que se pretendia obter. No caso das atuais cruzadas em favor do estilo de vida gay, parece estar acontecendo mais o mal do que o bem. Em vez de gerar a paz, todo esse movimento ajuda a manter viva a animosidade: divide, quando deveria unir. O kit gay, por exemplo, pretendia ser um convite à harmonia - mas acabou ficando com toda a cara de ser um incentivo ao homossexualismo, e só gerou reprovação. O fato é que, de tanto insistirem que os homossexuais devem ser tratados como uma categoria diferente de cidadãos, merecedora de mais e mais direitos, ou como uma espécie ameaçada, a ser protegida por uma coleção cada vez maior de leis. os patronos da causa gay tropeçam frequentemente na lógica- e se afastam, com isso. do seu objetivo central.

O primeiro problema sério quando se fala em "comunidade gay" é que a "comunidade gay" não existe - e também não existem, em consequência, o "movimento gay" ou suas "lideranças". Como o restante da humanidade, os homossexuais, antes de qualquer outra coisa, são indivíduos. Têm opiniões, valores e personalidades diferentes. Adotam posições opostas em política, religião ou questões éticas. Votam em candidatos que se opõem. Podem ser a favor ou contra a pena de morte, as pesquisas com células-tronco ou a legalização do suicídio assistido. Aprovam ou desaprovam greves, o voto obrigatório ou o novo Código Florestal - e por aí se vai. Então por que, sendo tão distintos entre si próprios, deveriam ser tratados como um bloco só? Na verdade, a única coisa que têm em comum são suas preferências sexuais - mas isso não é suficiente para transformá-los num conjunto isolado na sociedade, da mesma forma como não vem ao caso falar em "comunidade heterossexual" para agrupar os indivíduos que preferem se unir a pessoas do sexo oposto. A tendência a olharem para si mesmos como uma classe à parte, na verdade, vai na direção exatamente contrária à sua principal aspiração - a de serem cidadãos idênticos a todos os demais.

Outra tentativa de considerar os gays como um grupo de pessoas especiais é a postura de seus porta-vozes quanto ao problema da violência. Imaginam-se mais vitimados pelo crime do que o resto da população; já se ouviu falar em "holocausto" para descrever a sua situação. Pelos últimos números disponíveis, entre 250 e 300 homossexuais foram assassinados em 2010 no Brasil. Mas. num país onde se cometem 50 000 homicídios por ano, parece claro que o problema não é a violência contra os gays; é a violência contra todos. Os homossexuais são vítimas de arrastões em prédios de apartamentos, sofrem sequestros-relâmpago, são assaltados nas ruas e podem ser monos com um tiro na cabeça se fizerem o gesto errado na hora do assalto - exatamente como ocorre a cada dia com os heterossexuais; o drama real, para todos, está no fato de viverem no Brasil. E as agressões gratuitas praticadas contra gays? Não há o menor sinal de que a imensa maioria da população aprove, e muito menos cometa, esses crimes; são fruto exclusivo da ação de delinquentes, não da sociedade brasileira.

Não há proveito algum para os homossexuais, igualmente, na facilidade cada vez maior com que se utiliza a palavra "homofobia"; em vez de significar apenas a

raiva maligna diante do homossexualismo, como deveria, passou a designar com frequência tudo o que não agrada a entidades ou militantes da "causa gay". Ainda no mês de junho, na última Parada Gay de São Paulo, os organizadores disseram que "4 milhões" de pessoas tinham participado da marcha - já o instituto de pesquisas Datafolha, utilizando técnicas específicas para esse tipo de medição, apurou que o comparecimento real foi de 270000 manifestantes, e que apenas 65000 fizeram o percurso do começo ao fim. A Folha de S.Paulo, que publicou a informação, foi chamada de "homofóbica". Alegou-se que o número verdadeiro não poderia ter sido divulgado, para não "estimular o preconceito"- mas com isso só se estimula a mentira. Qualquer artigo na imprensa que critique o homossexualismo é considerado "homofóbico"; insiste-se que sua publicação não deve ser protegida pela liberdade de expressão, pois "pregar o ódio é crime". Mas se alguém diz que não gosta de gays, ou algo parecido, não está praticando crime algum - a lei, afinal, não obriga nenhum cidadão a gostar de homossexuais, ou de espinafre, ou de seja lá o que for. Na verdade, não obriga ninguém a gostar de ninguém; apenas exige que todos respeitem os direitos de todos.

Há mais prejuízo que lucro, também, nas campanhas contra preconceitos imaginários e por direitos duvidosos. Homossexuais se consideram discriminados, por exemplo, por não poder doar sangue. Mas a doação de sangue não é um direito ilimitado - também são proibidas de doar pessoas com mais de 65 anos ou que tenham uma história clínica de diabetes, hepatite ou cardiopatias. O mesmo acontece em relação ao casamento, um direito que tem limites muito claros. O primeiro deles é que o casamento, por lei, é a união entre um homem e uma mulher; não pode ser outra coisa. Pessoas do mesmo sexo podem viver livremente como casais, pelo tempo e nas condições que quiserem. Podem apresentar-se na sociedade como casados, celebrar bodas em público e manter uma vida matrimonial. Mas a sua ligação não é um casamento - não gera filhos, nem uma família, nem laços de parentesco. Há outros limites, bem óbvios. Um homem também não pode se casar com uma cabra, por exemplo; pode até ter uma relação estável com ela, mas não pode se casar. Não pode se casar com a própria mãe, ou com uma irmã, filha, ou neta, e vice-versa. Não poder se casar com uma menor de 16 anos sem autorização dos pais, e se fizer sexo com uma menor de 14 anos estará cometendo um crime. Ninguém, nem os gays, acha que qualquer proibição dessas é um preconceito. Que discriminação haveria contra eles, então, se o casamento tem restrições para todos? Argumenta-se que o casamento gay serviria para garantir direitos de herança - mas não parece claro como poderiam ser criadas garantias que já existem. Homossexuais podem perfeitamente doar em testamento 50% dos seus bens a quem quiserem. Tem de respeitar a "legítima", que assegura a outra metade aos herdeiros naturais - mas essa obrigação é exatamente a mesma para qualquer cidadão brasileiro. Se não tiverem herdeiros protegidos pela "legítima", poderão doar livremente 100% de seu patrimônio - ao parceiro, à Santa Casa de Misericórdia ou à Igreja do Evangelho Quadrangular. E daí?

A mais nociva de todas essas exigências, porém, é o esforço para transformar a "homofobia" em crime, conforme se discute atualmente no Congresso. Não há um único delito contra homossexuais que já não seja punido pela legislação penal existente hoje no Brasil. Como a invenção de um novo crime poderia aumentar a segurança dos gays, num país onde 90% dos homicídios nem sequer chegam a ser julgados? A "criminalização da homofobia" é uma postura primitiva do ponto de vista jurídico, aleijada na lógica e impossível de ser executada na prática. Um crime, antes

de mais nada. tem de ser "tipificado" - ou seja, tem de ser descrito de forma absolutamente clara. Não existe "mais ou menos" no direito penal; ou se diz precisamente o que é um crime, ou não há crime. O artigo 121 do Código Penal, para citar um caso clássico, diz o que é um homicídio: "Matar alguém". Como seria possível fazer algo parecido com a homofobia? Os principais defensores da "criminalização" já admitiram, por sinal, que pregar contra o homossexualismo nas igrejas não seria crime, para não baterem de frente com o princípio da liberdade religiosa. Dizem, apenas, que o delito estaria na promoção do "ódio". Mas o que seria essa ""promoção"? E como descrever em lei, claramente, um sentimento como o ódio?

Os gays já percorreram um imenso caminho para se libertar da selvageria com que foram tratados durante séculos e obter, enfim, os mesmos direitos dos demais cidadãos. Na iluminadíssima Inglaterra de 1895, o escritor Oscar Wilde purgou dois anos de trabalhos forçados por ser homossexual; sua vida e sua carreira foram destruídas. Na França de 1963, o cantor e compositor Charles Trenet foi condenado a um ano de prisão, pelo mesmo motivo. Nada lhe valeu ser um dos maiores nomes da música popular francesa, autor de mais de 1 000 canções, muitas delas obras imortais como Douce France - uma espécie de segundo hino nacional de seu país. Wilde, Trenet e tantos outros foram homens de sorte - antes, na Europa do Renascimento, da cultura e da civilização, homossexuais iam direto para as fogueiras da Santa Madre Igreja. Essas barbaridades não foram eliminadas com paradas gay ou projetos de lei contra a homofobia, e sim pelo avanço natural das sociedades no caminho da liberdade. É por conta desse progresso que os homossexuais não precisam mais levar uma vida de terror, escondendo sua identidade para conseguir trabalho, prover o seu sustento e escapar às formas mais brutais de chantagem, discriminação e agressão. É por isso que se tomou possível aos gays, no Brasil e no mundo de hoje, realizar o que para muitos é a maior e mais legítima ambição: a de serem julgados por seus méritos individuais, seja qual for a atividade que exerçam, e não por suas opções em matéria de sexo.

Perder o essencial de vista, e iludir-se com o secundário, raramente é uma boa ideia.

Anexo 2 – Jean Wyllys. “Veja que lixo!”

Eu havia prometido não responder à coluna do ex-diretor de redação de Veja, José Roberto Guzzo, para não ampliar a voz dos imbecis. Mas foram tantos os pedidos, tão sinceros, tão sentidos, que eu dominei meu asco e decidi responder.

A coluna publicada na edição desta semana do libelo da editora Abril — e que trata sobre o relacionamento dele com uma cabra e sua rejeição ao espinafre, e usa esses exemplos de sua vida pessoal como desculpa para injuriar os homossexuais — é um monumento à ignorância, ao mau gosto e ao preconceito.

Logo no início, Guzzo usa o termo “homossexualismo” e se refere à nossa orientação sexual como “estilo de vida gay”. Com relação ao primeiro, é necessário esclarecer que as orientações sexuais (seja você hétero, lésbica, gay ou bi) não são tendências ideológicas ou políticas nem doenças, de modo que não tem “ismo” nenhum. São orientações da sexualidade, por isso se fala em “homossexualidade”,

“heterossexualidade” e “bissexualidade”. Não é uma opção, como alguns acreditam por falta de informação: ninguém escolhe ser homo, hétero ou bi.

O uso do sufixo “ismo”, por Guzzo, é, portanto, proposital: os homofóbicos o empregam para associar a homossexualidade à ideia de algo que pode passar de uns a outros – “contagioso” como uma doença – ou para reforçar o equívoco de que se trata de uma “opção” de vida ou de pensamento da qual se pode fazer proselitismo.

Não se trata de burrice da parte do colunista portanto, mas de má fé. Se fosse só burrice, bastaria informar a Guzzo que a orientação sexual é constitutiva da subjetividade de cada um/a e que esta não muda (Gosta-se de homem ou de mulher desde sempre e se continua gostando); e que não há um “estilo de vida gay” da mesma maneira que não há um “estilo de vida hétero”.

A má fé conjugada de desonestidade intelectual não permitiu ao colunista sequer ponderar que heterossexuais e homossexuais partilham alguns estilos de vida que nada têm a ver com suas orientações sexuais! Aliás, esse deslize lógico só não é mais constrangedor do que sua afirmação de que não se pode falar em comunidade gay e que o movimento gay não existe porque os homossexuais são distintos. E o movimento negro? E o movimento de mulheres? Todos os negros e todas as mulheres são iguais, fabricados em série?

A comunidade LGBT existe em sua dispersão, composta de indivíduos que são diferentes entre si, que têm diferentes caracteres físicos, estilos de vida, ideias, convicções religiosas ou políticas, ocupações, profissões, aspirações na vida, times de futebol e preferências artísticas, mas que partilham um sentimento de pertencer a um grupo cuja base de identificação é ser vítima da injúria, da difamação e da negação de direitos! Negar que haja uma comunidade LGBT é ignorar os fatos ou a inscrição das relações afetivas, culturais, econômicas e políticas dos LGBTs nas topografias das cidades. Mesmo com nossas diferenças, partilhamos um sentimento de identificação que se materializa em espaços e representações comuns a todos. E é desse sentimento que nasce, em muitos (mas não em todas e todos, infelizmente) a vontade de agir politicamente em nome do coletivo; é dele que nasce o movimento LGBT. O movimento negro — também oriundo de uma comunidade dispersa que, ao mesmo tempo, partilha um sentimento de pertença — existe pela mesma razão que o movimento LGBT: porque há preconceitos a serem derrubados, injustiças e violências específicas contra as quais lutar e direitos a conquistar.

A luta do movimento LGBT pelo casamento civil igualitário é semelhante à que os negros tiveram que travar nos EUA para derrubar a interdição do casamento interracial, proibido até meados do século XX. E essa proibição era justificada com argumentos muito semelhantes aos que Guzzo usa contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Afirma o colunista de Veja que nós os e as homossexuais queremos “ser tratados como uma categoria diferente de cidadãos, merecedora de mais e mais direitos”, e pouco depois ele coloca como exemplo a luta pelo casamento civil igualitário. Ora, quando nós, gays e lésbicas, lutamos pelo direito ao casamento civil, o que estamos reclamando é, justamente, não sermos mais tratados como uma categoria diferente de cidadãos, mas igual aos outros cidadãos e cidadãs, com os

mesmos direitos, nem mais nem menos. É tão simples! Guzzo diz que “o casamento, por lei, é a união entre um homem e uma mulher; não pode ser outra coisa”. Ora, mas é a lei que queremos mudar! Por lei, a escravidão de negros foi legal e o voto feminino foi proibido. Mas, felizmente, a sociedade avança e as leis mudam. O casamento entre pessoas do mesmo sexo já é legal em muitos países onde antes não era. E vamos conquistar também no Brasil!

Os argumentos de Guzzo contra o casamento igualitário seriam uma confissão pública de estupidez se não fosse uma peça de má fé e desonestidade intelectual a serviço do reacionarismo da revista. Ele afirma: “Um homem também não pode se casar com uma cabra, por exemplo; pode até ter uma relação estável com ela, mas não pode se casar”. Eu não sei que tipo de relação estável o senhor Guzzo tem com a sua cabra, mas duvido que alguém possa ter, com uma cabra, o tipo de relação que é possível ter com um cabra — como Riobaldo, o cabra macho que se apaixonou por Diadorim, que ele julgava ser um homem, no romance monumental de Guimarães Rosa. O que ele, Guzzo, chama de “relacionamento” com sua cabra é uma fantasia, pois falta o intersubjetivo, a reciprocidade que, no amor e no sexo, só é possível com outro ser humano adulto: duvido que a cabra dele entenda o que ele porventura faz com ela como um “relacionamento”.

Guzzo também argumenta que “se alguém diz que não gosta de gays, ou algo parecido, não está praticando crime algum – a lei, afinal, não obriga nenhum cidadão a gostar de homossexuais, ou de espinafre, ou de seja lá o que for”. Bom, nós, os gays e lésbicas, somos como o espinafre ou como as cabras. Esse é o nível do debate que a Veja propõe aos seus leitores.

Não, senhor Guzzo, a lei não pode obrigar ninguém a “gostar” de gays, lésbicas, negros, judeus, nordestinos, travestis, imigrantes ou cristãos. E ninguém propõe que essa obrigação exista. Pode-se gostar ou não gostar de quem quiser na sua intimidade (De cabra, inclusive, caro Guzzo, por mais estranho que seu gosto me pareça!). Mas não se pode injuriar, ofender, agredir, exercer violência, privar de direitos. É disso que se trata.

O colunista, em sua desonestidade intelectual, também apela para uma comparação descabida: “Pelos últimos números disponíveis, entre 250 e 300 homossexuais foram assassinados em 2010 no Brasil. Mas, num país onde se cometem 50000 homicídios por ano, parece claro que o problema não é a violência contra os gays; é a violência contra todos”. O que Guzzo não diz, de propósito (porque se trata de enganar os incautos), é que esses 300 homossexuais foram assassinados por sua orientação sexual! Essas estatísticas não incluem os gays mortos em assaltos, tiroteios, sequestros, acidentes de carro ou pela violência do tráfico, das milícias ou da polícia.

As estatísticas se referem aos LGBTs assassinados exclusivamente por conta de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero! Negar isso é o mesmo que negar a violência racista que só se abate sobre pessoas de pele preta, como as humilhações em operações policiais, os “convites” a se dirigirem a elevadores de serviço e as mortes em “autos de resistência”.

Qual seria a reação de todas e todos nós se Veja tivesse publicado uma coluna

em que comparasse negros e negras com cabras e judeus com espinafre? Eu não espero pelo dia em que os homens e mulheres concordem, mas tenho esperança de que esteja cada vez mais perto o dia em que as pessoas lerão colunas como a de Guzzo e dirão “veja que lixo!”.